

BB 80/2026

**A IDENTIDADE DO SILÊNCIO EM *PONCIÁ VICÊNCIO*,
DE CONCEIÇÃO EVARISTO**

Bruno Cena Macedo

Universidade de Passo Fundo

RESUMO: Este ensaio analisa a identidade do silêncio na trajetória da protagonista do romance *Ponciá Vicêncio*, de Conceição Evaristo, compreendendo-o não apenas como ausência de fala, mas como um dispositivo narrativo e simbólico. A narrativa evidencia como o silêncio, inicialmente uma marca das figuras masculinas que cercam Ponciá — pai, avô e marido —, é apropriado e ressignificado por ela, transformando-se em elemento constitutivo de sua subjetividade. A partir de uma perspectiva crítica feminista interseccional e dos estudos sobre literatura negra, o trabalho demonstra como Evaristo desestabiliza o mito da mulher negra “forte” e resiliente, ao apresentar uma personagem marcada por introspecção, vulnerabilidade e resistência. A análise destaca ainda como a obra reflete sobre a historicidade das relações de gênero e raça no Brasil, evidenciando a potência estética e política da escrita de Evaristo, que reivindica para as mulheres negras o direito à subjetividade complexa, ao silêncio e à humanidade plena.

PALAVRAS-CHAVE: Conceição Evaristo; *Ponciá Vicêncio*; silêncio; crítica feminista.

ABSTRACT: This essay analyzes the identity of silence in the trajectory of the protagonist of the novel *Ponciá Vicêncio*, by Conceição Evaristo, understanding it not only as an absence of speech, but as a narrative and symbolic device. The narrative highlights how silence, initially a mark of the male figures that surround Ponciá — father, grandfather, and husband —, is appropriated and resignified by her, transforming it into a constitutive element of her subjectivity. From an intersectional feminist critical perspective and studies on black literature, the work demonstrates how Evaristo destabilizes the myth of the “strong” and resilient black woman, by presenting a character marked by introspection, vulnerability, and resistance. The analysis also highlights how the work reflects on the historicity of gender and race relations in Brazil, evidencing the aesthetic and political power of Evaristo’s writing, which claims for black women the right to complex subjectivity, silence, and full humanity.

KEYWORDS: Conceição Evaristo; *Ponciá Vicêncio*; silence; feminist criticism.

1 Introdução

O romance *Ponciá Vicêncio*, de Conceição Evaristo, configura-se como uma narrativa densa e sensível, que se debruça sobre as questões identitárias de sua protagonista, explorando os impactos da memória, do silêncio e da opressão de gênero e raça na constituição de sua subjetividade. A obra, inserida no contexto da literatura afro-brasileira contemporânea, é marcada por uma escrita que entrelaça passado e presente, conduzindo o leitor a um mergulho na interioridade de Ponciá, uma mulher negra cuja trajetória evidencia as marcas profundas da herança escravocrata e do patriarcado. Nesse sentido, a narrativa articula elementos simbólicos, como o silêncio, o alheamento e a memória, como componentes estruturantes na construção da identidade da personagem.

Este trabalho pretende analisar a identidade do silêncio na trajetória da personagem Ponciá Vicêncio, compreendendo-o não apenas como uma ausência de fala, mas como um dispositivo narrativo e simbólico que perpassa sua vida e suas relações. O silêncio surge tanto como sintoma dos alheamentos da protagonista quanto como um elemento herdado, sobretudo das figuras masculinas que a cercaram: o pai, o avô e o marido. Assim, o romance evidencia como o silêncio masculino é apropriado e ressignificado por Ponciá, transformando-se em uma camada adicional de sua subjetividade, ao mesmo tempo em que revela os mecanismos de opressão que moldam sua existência.

A partir de uma perspectiva crítica que articula teoria feminista interseccional e estudos sobre a literatura negra, o presente ensaio busca demonstrar como Conceição Evaristo constrói uma narrativa que desestabiliza o mito da mulher negra “forte” e resiliente, ao oferecer à sua protagonista a possibilidade – ainda que dolorosa – da introspecção e da vulnerabilidade. Dessa forma, analisar a trajetória de Ponciá é também refletir sobre a historicidade das relações de gênero e raça no Brasil, bem como sobre a potência política e estética da escrita de Evaristo, que reivindica para as mulheres negras o direito à humanidade plena, ao silêncio e à subjetividade complexa.

2 A identidade do silêncio em Ponciá Vicêncio

O romance *Ponciá Vicêncio*, de Conceição Evaristo, explora a complexidade das memórias e da identidade da protagonista homônima, utilizando uma narrativa que se entrelaça entre o presente e as lembranças de um passado que a assombra e a tenta definir. A obra se destaca pela maneira como Evaristo estrutura a narrativa, em que os alheamentos de Ponciá tornam-se centrais, funcionando como portais para uma introspecção profunda. Esses momentos de desconexão entre corpo e alma conduzem a protagonista por um labirinto de recordações que moldam sua identidade e sua relação com o mundo. Dentre os vários sintomas dos alheamentos da personagem, eis que surge o silêncio, sintoma este que a acompanhará ao longo de grande parte da obra. O silêncio vivido por Ponciá transparece tanto que passa a incomodar seu homem:

O homem de Ponciá acabava de entrar em casa e viu a mulher distraída na janela. Olhou para ela com ódio. A mulher parecia lerda. Gastava horas e horas ali quieta olhando e vendo o nada. Falava pouco e quando falava, às vezes, dizia coisas que ele não entendia. Ele perguntava e quando a resposta vinha, na maioria das vezes, complicava mais ainda o desejado diálogo dos dois (Evaristo, 2005, p. 16-7).

Desde o início do romance, percebe-se uma quebra na linearidade da narrativa. Embora a história comece na infância de Ponciá, logo o leitor é surpreendido ao perceber que essa introdução é, na verdade, uma revisitação das memórias da protagonista adulta. Esse recurso narrativo não só reforça a importância das memórias na construção da identidade de Ponciá, mas também sublinha a desconexão temporal que ela experimenta, estando fisicamente no presente, mas mentalmente presa ao passado, e de acordo com Proust com o “poder de expulsar tudo quanto lhes é incompatível, de instalar sozinho [...] o eu que as viveu” (PROUST, 1971, p. 128).

Um dos temas centrais do romance é o silêncio, particularmente o silêncio masculino que descarrega camadas muito fortes de interferências na vida de Ponciá. Desde a figura do pai, passando pelo avô e culminando no marido, o silêncio é uma constante que permeia as relações masculinas em sua vida. Esse silêncio masculino, por sua vez, leva Ponciá a questionar sua própria identidade. Ela teme, desde a infância, se tornar homem — a metáfora do arco-íris que transforma meninas em meninos é uma representação simbólica desse medo. Como expressa a autora, “o silêncio dos homens em sua vida era como uma sombra que a seguia, lembrando-a constantemente da sua vulnerabilidade e da rigidez das expectativas sociais” (Davis, 2016, p. 78). No entanto, à medida que a narrativa avança, o silêncio que antes era uma característica masculina

passa a ser incorporado por Ponciá, o que a faz questionar se, de fato, não estaria se transformando em homem. Gonzalez (1984) observa que "o silêncio imposto à mulher negra é uma forma de controle, uma maneira de reprimir sua voz e sua identidade" (Gonzalez, 1984, p. 52). Isso se confirma muito fortemente através dos papéis que a mulher negra desempenhou no processo de escravidão no Brasil, papéis extremamente passivos e silenciosos, como os das mucamas, que realizavam todos os serviços da Casa Grande e ainda eram responsáveis pelo aleitamento dos filhos nascidos dos ventres "livres" das sinhazinhas.

Quando menina, pensava que se passasse debaixo do arco-íris poderia virar menino. Agora sabia que não viraria homem. Por que o receio, então? Estava crescida, mulher feita! Olhou firmemente o arco-íris pensando que se virasse homem, que mal teria? Relembrou-se do primeiro homem que conhecera em sua família (Evaristo, 2005, p. 10-1).

Esse receio é alimentado pelas lembranças dos homens de sua vida, como o avô, uma figura forte em suas memórias, pois assim como os "netos são como heranças: você os ganha sem merecer. Sem ter feito nada para isso, de repente lhe caem do céu." (Queiroz, 2004, p. 181). Os avós se tornam uma casa inteira que acolhem esses netos (Mãe, 2019), às vezes de maneira assombrosa. A ligação simbólica de Ponciá com o avô é reveladora: mesmo após sua morte, a presença dele se manifesta nos primeiros passos da menina e na sua primeira criação de barro, que retrata o avô. Esses eventos destacam a influência duradoura do patriarca na formação da identidade de Ponciá, indicando que o medo de se tornar homem não é uma transformação mágica, mas sim uma incorporação gradual das características masculinas que ela associava a figuras importantes de sua vida.

A narrativa também explora a tentativa de Ponciá de escapar dessa herança, refletida na rejeição ao seu nome e sobrenome, carregados de valores do processo escravagista colonial (Leite, 2019), e na busca por uma nova identidade longe de sua terra natal, já que "a identidade é uma fonte de agência" (Hall, 2007, p.281). No entanto, essa tentativa de fuga é frustrada. A viagem de Ponciá de volta a seu povoado, onde ela confronta o vazio deixado pela ausência de sua mãe e irmão, marca um ponto de virada. Ela retorna não apenas com a estatueta do avô, mas também com a identidade que antes tentara rejeitar. A partir desse momento, Ponciá parece aceitar a herança do silêncio e da masculinidade, que antes tanto temia.

O relacionamento de Ponciá com o marido reflete, em muitos aspectos, as expectativas sociais impostas às mulheres negras. A força, a resiliência e a tenacidade de Ponciá são admiradas por ele, não como qualidades intrínsecas, mas como características funcionais para sua própria vida. Quando Ponciá começa a se afastar e se envolver em seus alheamentos, o marido reage com violência, mostrando que a sociedade tolera essas características nas mulheres negras apenas enquanto servem a um propósito prático. Este comportamento evidencia como o patriarcado e o racismo se entrelaçam para manter as mulheres negras em papéis subservientes.

Isso se alinha a uma leitura feminista interseccional que discute como o papel doméstico e emocional das mulheres negras é frequentemente naturalizado e instrumentalizado. Autoras como bell hooks (2015) argumentam que a sociedade racista e patriarcal exige das mulheres negras uma “força” que as desumaniza, transformando-as em meras ferramentas para o sustento do outro. Hooks destaca que "as mulheres negras são constantemente retratadas como naturalmente fortes e resilientes, o que justifica a exploração contínua de seu trabalho e sua emocionalidade" (Hooks, 2015, p. 85).

A reação violenta do marido de Ponciá também reflete uma resistência à ideia de que uma mulher negra possa querer introspecção e espaço para si mesma. Gonzalez (1984) aponta que "a introspecção e o autocuidado são frequentemente negados às mulheres negras, sendo vistas como um desvio das expectativas de força e serviço incondicional" (Gonzalez, 1984, p. 47). Ao buscar um espaço para suas próprias necessidades emocionais e psicológicas, Ponciá desafia as normas sociais que a confinam a um papel subserviente e desumanizante. Em suma, a dinâmica entre Ponciá e seu marido exemplifica as tensões e as injustiças enfrentadas por mulheres negras, cujas qualidades e esforços são frequentemente apropriados e instrumentalizados pelas forças patriarcais e racistas da sociedade. A violência que ela enfrenta não é apenas uma expressão de poder individual, mas sim um reflexo de estruturas sociais mais amplas que continuam a marginalizar e explorar as mulheres negras.

A violência que o marido exerce sobre Ponciá quando ela expressa seu desejo de silêncio e introspecção reflete uma limitação imposta pelo patriarcado sobre as mulheres negras, como apontado por Angela Davis (2016). A mulher negra é constantemente associada ao mito da “mulher forte”, que deve ser sempre resiliente, capaz de suportar

as adversidades sem desmoronar, mas que, ao demonstrar vulnerabilidade, é punida ou marginalizada. Davis observa que "a imagem da mulher negra como resistente e indestrutível tem sido usada para justificar a negação de sua humanidade e vulnerabilidade" (2016, p. 67). Esse comportamento violento também está enraizado nas dinâmicas coloniais, nas quais o corpo da mulher é sempre interpretado como um objeto que deve sempre estar disposto a servir e mostrar-se incapaz de demonstrar qualquer fraqueza. Ponciá, ao buscar introspecção, desafia essas normas, e o texto sugere que essa proteção física é uma resposta a uma transgressão das expectativas sociais. Gonzalez (1984) aponta que "o lugar social da mulher negra é frequentemente relegado ao serviço e ao sacrifício, negando-lhe o direito à introspecção e ao autocuidado" (1984, p. 45). Seu desejo por silêncio e interioridade vai contra as noções de que a mulher negra deve sempre estar à disposição dos outros, refletindo o que Gonzalez chamou de "lugar social da mulher negra".

Em última análise, Ponciá Vicêncio é uma obra profunda sobre memória, identidade e as imposições de gênero e raça. Através das memórias e alheamentos da protagonista, Conceição Evaristo nos conduz a uma reflexão sobre como o passado molda o presente e como as identidades são construídas e desconstruídas ao longo do tempo. A trajetória de Ponciá é marcada por uma luta interna entre o desejo de liberdade e a aceitação da herança familiar, refletindo, de maneira poderosa, as experiências de muitas mulheres negras em um mundo que frequentemente lhes nega o direito à fragilidade e ao silêncio. A violência que ela enfrenta, tanto física quanto emocional, evidencia as limitações impostas pelo patriarcado e pelo racismo, que insistem em enquadrá-la no mito da "mulher forte" — uma figura resiliente, incapaz de demonstrar vulnerabilidade sem ser punida ou marginalizada (Davis, 2016). Ao buscar introspecção e questionar sua identidade, Ponciá desafia essas normas opressivas, simbolizando a resistência e a luta por um espaço de autodeterminação. Sua jornada de autoconhecimento e resistência oferece uma crítica incisiva às estruturas sociais que perpetuam a subjugação das mulheres negras. Como Gonzalez (1984) aponta, o "lugar social da mulher negra" é frequentemente restrito pelo serviço e sacrifício. Portanto, Ponciá Vicêncio não é apenas uma narrativa sobre a busca individual de uma mulher por sua identidade, mas também uma poderosa e necessária narrativa sobre as injustiças sistêmicas que moldam a vida das mulheres negras. A obra de Evaristo nos lembra da

importância de reconhecer e valorizar a humanidade plena dessas mulheres, suas complexidades e seus direitos à introspecção e ao silêncio.

3 Considerações Finais

A análise da trajetória de Ponciá Vicêncio evidencia como Conceição Evaristo articula, de forma sensível e potente, o silêncio não apenas como ausência de fala, mas como um elemento constitutivo da subjetividade da personagem e como ferramenta de resistência frente às violências estruturais de raça, gênero e classe. O silêncio, inicialmente herdado das figuras masculinas que marcaram sua vida — pai, avô e marido —, é ressignificado pela protagonista, transformando-se em um espaço de introspecção, de elaboração de memórias e de construção de uma identidade própria.

Ao desestabilizar o mito da mulher negra “forte” e indestrutível, a narrativa oferece à protagonista a possibilidade da vulnerabilidade e da interioridade, tensionando as expectativas sociais historicamente impostas às mulheres negras. A obra de Evaristo, assim, rompe com as representações simplificadas e estereotipadas dessas mulheres, reivindicando para elas o direito à complexidade emocional, ao silêncio e à humanidade plena.

Além disso, o romance se constitui como uma crítica contundente às heranças coloniais e patriarcais que continuam a moldar as experiências das mulheres negras no Brasil. A trajetória de Ponciá não apenas revela os efeitos dessas opressões sobre a constituição subjetiva da personagem, mas também aponta para a possibilidade de resistência e de elaboração de novos modos de existência.

Assim, Ponciá Vicêncio se consolida como uma obra fundamental da literatura afro-brasileira contemporânea, tanto pela sua relevância estética quanto pela sua potência política. Conceição Evaristo, ao dar voz — ou mesmo ao reivindicar o direito ao silêncio — para personagens negras, amplia os horizontes de representação literária e reforça a necessidade de se pensar criticamente as intersecções entre raça, gênero, memória e subjetividade. A leitura desse romance nos convida, portanto, a refletir sobre a urgência de práticas sociais e discursivas que reconheçam, valorizem e respeitem a humanidade complexa das mulheres negras.

REFERÊNCIAS

- DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.
- EVARISTO, Conceição. *Ponciá Vicêncio*. Belo Horizonte: Mazza, 2005.
- GONZALEZ, Lélia; HASENBALG, Carlos. *Lugar de negro*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1984. (Col. 2 Pontos, v. 3).
- HALL, Stuart. Epilogue: Through the Prism of an Intellectual Life. In: MEEKS, Brian (Org.). *Culture, Politics, Race and Diaspora: The Thought of Stuart Hall*. Kingston: Ian Randle; London: Lawrence & Wishart, 2007. p.269-291.
- HOOKS, bell. *E eu não sou uma mulher?: mulheres negras e feminismo*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.
- LEITE, Francisco de Freitas. *O latim em cartas do Cariri Cearense: final do século XIX e início do século XX*. 2009. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2009.
- MÃE, Valter Hugo. *As mais belas coisas do mundo*. Rio de Janeiro: Biblioteca Azul, 2019.
- PROUST, Marcel. *Sodoma e Gomorra*. Tradução de Mário Quintana. Porto Alegre: Editora Globo, 1971.
- QUEIROZ, Rachel de. *Rachel de Queiroz*. Sel. e pref. Heloisa Buarque de Hollanda. São Paulo: Global, 2004.

Bruno Cena Macedo é escritor, poeta e pesquisador brasileiro nascido em Canto do Buriti (PI) e residente em Nova Prata (RS). Com graduação em Letras e especializações em Psicopedagogia, é autor de obras poéticas como "Aos clementes, esperançai-vos", "Crisântemo" e "Moinho". É membro de diversas entidades literárias, incluindo a Associação Gaúcha de Escritores (AGES) e a Academia Luso-Brasileira de Letras do Rio Grande do Sul. Ele também atua como pesquisador de mestrado na Universidade de Passo Fundo.

Artigo recebido em 04/08/2025.

Aprovado em 06/12/2025.